

Mulheres brasileiras que viajam sozinhas e os meios de hospedagem

GABRYELA MARTINS GHIROTTI

IFSP - INSTITUTO FEDERAL DE SÃO PAULO

NICOLY CASSIMIRA DOS SANTOS

IFSP - INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIAS E TECNOLOGIA DE SÃO PAULO

WENYA E SILVA OLIVEIRA

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE SÃO PAULO (IFSP)

RODRIGO RIBEIRO DE OLIVEIRA

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE SÃO PAULO (IFSP)

Mulheres brasileiras que viajam sozinhas e os meios de hospedagem

Introdução

No período condizente à Grécia Antiga, a mulher era hierarquicamente considerada inferior ao homem e tinha seus direitos negligenciados por óticas biológicas e sociais, determinantes para a desigualdade de gênero, justificadas pelas crenças e religiões (PINAFI, 2007). Isso reflete na visão da sociedade sobre o papel da mulher até a atualidade, uma vez que a mulher enfrenta situações e questões patriarcais.

Essas condições resultam na banalização da violência contra a mulher, o que faz com que ela se sinta oprimida e até culpada ao ser vítima de atos violentos, evidenciando a necessidade da discussão do assunto (SILVA et. al, 2021). Não obstante, a estereotipação da mulher em supostos “modelos ideais” para comportamentos e estilos de vida interfere, em sua vivência, enquanto turista que viaja sozinha. Suas liberdades de deslocamento foram incididas por constrangimentos intrinsecamente atrelados ao fato de serem mulheres (ANTONIOLI, 2015).

Para a mulher que viaja sozinha, os meios de hospedagens fazem parte da experiência como um todo, por ser um subsistema integrado ao Turismo e estar relacionado à atividade do bem receber e acolher – a hospitalidade (LOPES, 2015; MANOSSO, 2020). O local de hospedagem é considerado fundamental, juntamente com a alimentação e o transporte, pois esse faz parte do espaço no qual os turistas passam as noites durante sua estadia no destino turístico (GUZELA, 2014).

Este artigo tem o propósito de identificar e compreender as dificuldades enfrentadas por mulheres que viajam sozinhas e os meios de hospedagem utilizado, a fim de explicitar suas perspectivas, a partir de vivências que contribuem para essa discussão. Cinco mulheres participaram da pesquisa e se dispuseram a compartilhar suas experiências pessoais em um grupo focal.

Fundamentação Teórica

Os deslocamentos sempre estiveram presentes na humanidade por diversos propósitos, como alojamento, alimentação e lazer (SIQUEIRA, 2018). Na Antiguidade, durante as peregrinações, a hospedagem dos viajantes não era uma relação comercial, era religiosa, ou seja, os moradores tinham como uma “lei religiosa” a hospitalidade com o estrangeiro como forma de representar seu Deus (GOTMAN, 2019).

Na Roma Antiga, com as estratégias de construção de estradas em função da intensificação das viagens ocasionadas pelas conquistas territoriais do Império, abrigos foram sendo construídos ao longo das rotas com critérios de diferenciação de padrões de serviços e normas, caracterizando o início da relação comercial na hospedagem (PERAZZOLO; SANTOS; PEREIRA, 2010). Por conseguinte, os equipamentos de hospedagem se tornaram fundamentais para o exercício da atividade turística, uma vez que havia locais diferentes de suas casas para pernoitarem no destino e movimentarem a economia local (ALDRIGUI, 2007; MÜLLER; HALLAL; RAMOS, 2016).

Com o advento do capitalismo, as viagens na Idade Moderna foram se propagando e surgiu a necessidade do aumento das rotas dos comerciantes, estendendo as vias para marítimas e aéreas, além das terrestres (IGNARRA, 2014; SILVA; KEMP, 2008). A partir da Revolução Industrial, principalmente, durante o século XX, com a mudança do espaço geográfico e sua interpretação, o lazer e o turismo receberam novos significados em prol da percepção de encurtamento do tempo-espaço, em decorrência de novas tecnologias (TRIGO, 1998).

A evolução do Turismo está intrinsecamente ligada ao desenvolvimento mundial (RAMOS; COSTA, 2017). Em 2019, o número de turistas, em viagens internacionais chegou a 1,5 bilhão com crescimento de 4% em relação ao ano anterior, gerando um fluxo de US\$ 1,462 trilhão, representando, assim, 10,4% do Produto Interno Bruto (PIB) mundial. Um em cada dez empregos no Mundo é gerado pela cadeia produtiva do turismo. Isso representa mais de 300 milhões de pessoas empregadas ao redor do Mundo (UNWTO, 2020).

Apesar do desenvolvimento progressivo do setor, para as mulheres o exercício da atividade teve um processo diferente e levou um tempo maior, pois enfrentam obstáculos maiores, principalmente, quando viajam sozinhas (CANADÁ, 2013). Até o período antecedente às revoluções feministas, por volta do início do século XX, a relação de submissão da mulher era extremamente presente e tais aspectos machistas permanecem até o momento. Em função de suas lutas, as mulheres foram conquistando - de forma lenta e dificultada - direitos, entre esses o de trabalharem (REIS, 2016).

A mudança do papel da mulher de ser, estritamente, dona de casa e mãe assumindo o papel também de trabalhadora/operária - apesar das condições precárias e diversas reivindicações - foi uma das grandes conquistas do período do Movimento Sufragista (século XIX), fomentado pela Primeira Revolução Industrial - século XVIII (PAIVA, 2019). A gradual busca por independência permitiu que as mulheres tomassem suas decisões no que tange, inclusive, às suas próprias vontades, como viajarem (REIS, 2016).

A humanidade é masculina e o homem define a mulher não em si, mas relativamente a ele e ela não é considerada um ser autônomo (BEAUVOIR, 1980). Nesse ínterim, a visão da sociedade sobre a mulher, que viaja sozinha, é de característica aventureira, uma vez que não se encontra nos padrões patriarcais, que são esperados e impostos a ela.

A matriz dessa concepção atribui o poder ao homem, reforçado inclusive pela religião, que por sua vez legitima atitudes de submissão e de obediência por parte das mulheres. O processo de socialização vai pautando o que é ser menina e o que é ser menino e, desde os primeiros anos de vida são reproduzidos *scripts*, em que a mulher nasceu para ser mãe, cuidadora, submissa, obediente. A produção da subjetividade da mulher, desde a mais tenra idade, impõe um status de dependência que não se vê em relação ao homem (OLIVEIRA; CASTRO; BATISTA, 2019).

Logo, as viagens contribuem para a formação de identidade das mulheres, enquanto indivíduos, que impulsionam sua autonomia e são motivadoras por permiti-las se sentirem livres e empoderadas, visto um passado histórico de repressão (CARVALHO; BAPTISTA; COSTA, 2015).

Para Michelle Lima, Viajante e investigadora em economia circular no turismo: Viajar, enriquece a vida e faz-nos conhecer mais, a força que temos e a nossa resiliência. Viajar sozinha é uma experiência única, que proporciona o conhecimento de outras pessoas, lugares onde quer ir, sem precisar perguntar a ninguém. Cada um faz a viagem do seu jeito! Não tenha medo de viajar sozinha porque só tem a ganhar! (PORTELA, 2020, p. 194).

Para a experiência das viajantes, os equipamentos turísticos são importantes e a escolha da hospedagem é um ponto a ser destacado. Uma pesquisa realizada por meio de questionário, em 2018, com 500 mulheres, majoritariamente com idade entre 18 e 45 anos e grau de escolaridade superior, demonstrou que a preferência pelos meios de hospedagem é por hostel e hotel, respectivamente, além das prioridades para escolha serem a localização e o preço (SOUZA, 2018).

Apesar do desenvolvimento progressivo do setor (BRASIL, 2019), muitos viajantes se sentem inseguros de viajarem pelo país e, entre esses, se destacam as mulheres, inclusive, as brasileiras, em função de condições de violência serem dificultadores dessa atividade (FONTOURA; REZENDE; QUERINO, 2020; IBGE, 2021). Um estudo realizado, em 2017, pelos jornalistas Asher e Lyric Fergusson, de acordo com a revista estadunidense Forbes

(2019), no qual foram avaliados fatores como violência sexual, homicídio internacional e segurança nas ruas para mulheres, demonstrou que o Brasil se encontra em segunda posição entre os lugares mais perigosos do Mundo para mulheres, ficando atrás apenas da África do Sul (BLOOM, 2019).

Atualmente, com a criação dos diversos blogs e vlogs na internet, as mulheres viajantes têm várias formas de repassarem informações e darem dicas para quem está fazendo a primeira ou a décima viagem solo. Nesse âmbito, escrevem materiais com dicas para ajudar as mulheres, em suas viagens, de forma a orientá-las a se precaverem de eventuais situações de violência. Vale destacar a plataforma brasileira Sisterwave, que ganhou o prêmio global da Organização Mundial do Turismo (OMT), em 2021, na categoria igualdade de gênero, pela contribuição ao turismo sustentável e responsável, apoiando os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) (ONU, 2021).

As supostas “dicas” impõem maneiras para as mulheres se comportarem, assim como se protegerem, negando, portanto, as reais raízes do problema: o machismo estrutural se manifestando nas relações humanas, predominando na dominação do homem sobre a mulher. A contradição entre a liberdade conquistada e a permanência de uma sociedade patriarcal é explícita, haja vista que mulheres encontram múltiplas limitações, as quais se restringem as dos seus direitos de circularem sozinhas, conforme seus desejos, sobretudo, no território brasileiro.

Metodologia

Em junho de 2021, foi realizado um estudo do tipo grupo focal, de forma virtual, com a participação de cinco mulheres. A temática definida para discussão foi “Mulheres brasileiras que viajam sozinhas e os meios de hospedagem utilizado”, que permitiu às participantes relatarem as próprias experiências e contribuir para obtenção de resultados para a pesquisa.

A amostra foi intencional e o critério de escolha definido a partir do requisito de: mulheres que têm o hábito de viajarem sozinhas, sobretudo, no Brasil. O convite inicial foi realizado para uma estudante do Curso Superior de Tecnologia em Gestão de Turismo do Instituto Federal de São Paulo, e essa estudante recrutou mais cinco colegas, que tiveram a disponibilidade para participar, totalizando seis mulheres. No momento da atividade, elas tinham entre 40 e 50 anos e possuem formação superior completa, conforme apresentado no Quadro 1.

Quadro 1 - Participantes do grupo focal

Sigla do nome	Idade	Estado civil	Escolaridade
A. F. P. N. C.	56	Casada	Pós-graduação em Gestão Cultural
A. S. P.	43	Solteira	Graduação em Administração e Turismo
G. V.	45	Divorciada	Pós-graduação em Jornalismo
R. A. B.	54	Divorciada	Pós-graduação em Educação Comunitária
R. R. C.	59	Casada	Mestrado em Turismo

Fonte: os autores, 2021.

Após o aceite, e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), foram agendados dia e horário para a realização do grupo focal (BAUER; GASKELL, 2003), o qual foi realizado por reunião na plataforma *Google Meet*, com uma mediadora e roteiro predefinido com tópicos a serem abordados. O encontro teve duração de aproximadamente 110 minutos, gravação e posterior transcrição das falas. Em função dos compromissos pessoais, uma mulher não pode participar do grupo focal, resultando na participação de cinco mulheres. O grupo focal contou com a participação das três pesquisadoras: uma mediadora e duas auxiliares, que deixaram que o debate tomasse forma, sem nenhuma interferência e estando atentas para possíveis desvios, que prejudicassem o foco da pesquisa.

Para interpretar e avaliar as falas foi utilizada a técnica de análise de conteúdo, a qual é dividida em três partes. A primeira é a pré-análise, fase em que há organização dos materiais; a segunda é a exploração do material – codificação e categorização dos dados; a terceira é o tratamento e interpretação dos dados (BARDIN, 1995).

Resultados

Em vista de um cenário histórico, em que o patriarcalismo sempre prevaleceu nas sociedades e nas culturas, as conquistas das mulheres, sobretudo, viajantes se tornaram um marco. Essa independência se mostrou relevante para o mercado turístico, uma vez que elas puderam exercer o seu direito de ir e vir, incentivadas por motivos diversos (LUCCHESI, 2020; SOUZA, 2021). Os resultados a seguir foram categorizados segundo o conceito de Bardin (1995).

Preferências dos meios de hospedagem

A viagem tem que acrescentar algo a seu viajante, seja um aprendizado, um momento de felicidade, o contato com uma nova cultura ou uma experiência estética (HORTA; COUTO, 2014). Com isso, a escolha da hospedagem é um fator importante para a formação da experiência, uma vez que pode afetar, diretamente, na perspectiva do turista sobre a sua viagem como um todo. Na pesquisa, as participantes do grupo focal apontaram a necessidade de conhecer diversos meios de hospedagens para formarem uma opinião sobre suas preferências.

[...] tenho experiência com hostel, pousada, *Airbnb*, *resort*... A vida é feita de experimentar e a gente vai buscando e aprendendo a identificar aquilo que nos serve ou não. (A. F. P. N. C. 56 anos).

[...] eu nunca viajei com um roteiro, eu sempre chegava e procurava um lugar para ficar. Nisso eu já dormi em qualquer lugar. [...] já dormi em corredor em estação de trem, na praia com saco de dormir, em camping sem barraca. (R.R.C.59 anos).

A ideia do compartilhamento me agrada muito, ficar em *Airbnb*. [...] Primeiro, porque eu gosto dessa comunicação e familiaridade com quem é nativo daquele lugar aonde eu vou, eu me sinto muito mais acolhida. (R.A.B. 54 anos).

Uma parcela significativa de pessoas tem como prioridade a escolha das acomodações, ou seja, a seleção dos meios de hospedagem mais adequado, gastando a maior parte do tempo nesse processo, possuindo expectativas e/ou preferências individuais, conforme seu destino, razão e forma de viagem, além de experiências anteriores com meios de hospedagens (LI et al., 2015).

Prioridades na escolha dos meios de hospedagem

Os principais fatores determinantes da satisfação de clientes de serviços na hotelaria estão relacionados com a qualidade percebida como a limpeza e conforto, exatidão das acomodações reservadas, aparência interna, localização e segurança, disponibilidade de áreas de lazer, esportivas e facilidades como *wi-fi* (BRANCO; RIBEIRO; TINOCO, 2010). Entre esses, as participantes destacaram, principalmente, a limpeza e a localização.

Tem que ser limpinho e tem que ser realmente de fácil acesso aos pontos que eu tenho mais interesse (no destino). (A. F. P. N. C. 56 anos).

O conforto! Você chegar cansada de um dia de passeio e se deitar em uma cama limpa e cheirosinha, usar um banheiro que não tem problema, o chuveiro estar quente... (A.S.P. 43 anos).

Eu acho que é muito pelo custo-benefício do que você se propôs a ir. [...] A prioridade

maior é sempre estar próximo e com a facilidade aos transportes dos lugares e dos atrativos que vou visitar. (R.A.B. 54 anos).

Diante do cenário de Pandemia da Covid-19, a limpeza ganhou destaque e se tornou o fator mais importante ao realizar uma reserva. Segundo a pesquisa, realizada em 2021, pelo Expedia Group, com 16 mil pessoas, a cada cinco entrevistados, quatro tomam suas decisões para escolha de meios de hospedagens baseadas nas medidas sanitárias implementadas (EXPEDIA GROUP, 2021).

Segurança

O medo gerado pela violência amputa a vida social e isso repercute na mobilidade das pessoas (BRAGGIO, 2007). A sensação de segurança e insegurança pode ser interpretada, de distintas maneiras, e pode estar associada a vários fatores, a partir de uma percepção individual (GOLLO, 2004). Na escolha dos meios de hospedagem, a segurança pode ser um fator a ser considerado, entretanto, as opiniões expressadas pelas entrevistadas não o indicaram como determinante.

Eu sou paulistana. Se eu for pensar em segurança eu não saio nem da calçada de casa, porque eu não preciso ser turista e estar viajando para lidar com questões dessa natureza e estar exposta em função do meu corpo, enquanto mulher. (A. F. P. N. C. 56 anos).

Eu costumo sair sozinha em São Paulo também e o machismo está no bar da esquina da minha casa ou no bar de Arraial d’Ajuda, tanto faz! (G.V. 45 anos).

Já viajei muito sozinha fora do país sozinha e no Brasil e não me sinto insegura, inclusive, de sair de shorts. (R.A.B. 54 anos).

Acho que muito dessa insegurança que se diz vem dos homens que falam que nós mulheres não devemos viajar sozinhas. (A.S.P. 43 anos).

O fato de ser mulher e as decisões

As formas de ser e aparecer do machismo nos espaços públicos têm sido consideradas como uma das formas de impedir as mulheres de usufruírem, de forma tranquila, as estruturas e os espaços que as cidades oferecem (BENEDICTO, 2017). Sendo turista ou não, o assédio ainda aparece nos espaços em que as mulheres ocupam e as participantes abordaram situações, em suas viagens sozinhas, em que passaram por algum constrangimento e ações que tomaram para evitá-las.

Eu já tive várias situações de medo, constrangimento e assédio quando eu era mais nova e viajava como mochileira, principalmente, naqueles países europeus - Espanha, Itália, Portugal. (R.R.C. 59 anos).

Se você sabe que determinado lugar é perigoso e é um risco, então você pode evitar e se precaver. Acho que o perigo está em qualquer lugar. (A.S.P. 43 anos).

Eu acho que a palavra que a gente usa é “cautela”. Eu sou mais cautelosa quando viajo sozinha. (R.A.B. 54 anos).

As mulheres não deixam de ir e estar nos lugares, mas criam estratégias (MELLO; RIBEIRO, 2021), ou seja, ser mulher é pensar em suas ações a todo momento para que possa se sentir, minimamente, precavida de situações constrangedoras e perigosas.

Conclusão

A partir dos resultados obtidos, pelo grupo focal, apesar de não representarem as mulheres como um todo, em função da quantidade de participantes que foram convidadas e tiveram disponibilidade para contribuir com a pesquisa, foi possível identificar os pontos de vista com base em suas vivências pessoais.

Mostrou-se notório o quão importante as viagens sozinhas representam, principalmente, como forma de expressar liberdade e oposição aos modelos instaurados na sociedade, que persistem, inclusive, hodiernamente, sendo reflexos históricos de uma superioridade do homem sobre a mulher, os quais foram paulatinamente sendo revertidos. Isso é destacado no comentário abaixo:

A meu ver, muito do “machismo” predomina, porque quando um homem vê uma mulher viajando sozinha acha que é uma “coisa de outro mundo” e isso eu falo por uma experiência recente (A. S. P. 43 anos).

Com base nas perspectivas relatadas, mesmo com as adversidades que encaram, exclusivamente, por serem mulheres, elas não deixam de priorizar suas aspirações e enfrentam os desafios de viajarem sozinhas. A partir dos resultados obtidos no grupo focal, foi possível notar que pelo fato do perigo ser recorrente, inclusive, no cotidiano delas, as precauções tomadas são as mesmas nas viagens e a segurança não é um fator de impedimento para irem sozinhas. Portanto, não deram ênfase para restrições no que envolve ser mulher, e sim, medidas de cautela que tomam.

As prioridades apontadas para a escolha dos meios de hospedagem foram a limpeza, a localização e o conforto, de acordo com cada tipo e proposta de experiência - por exemplo, o conforto de um camping não é o mesmo de um hotel, são situações diferentes. Isso demonstra que a percepção da mulher que viaja sozinha é diferente da que a sociedade expressa, uma vez que a mulher aponta a vulnerabilidade a que ela se expõe, e destaca, principalmente, a insegurança.

Dessarte, o enquadramento de mulheres aos estereótipos, há que se debater e contestar, uma vez que todos os gêneros têm o direito de exercerem, não só o ir e vir, como também de serem e fazerem o que anseiam. Ser mulher e turista independente surpreende a sociedade perante o machismo estrutural, sendo esse a raiz do problema.

Referências Bibliográficas

ALDRIGUI, Mariana. **Meios de Hospedagem**. São Paulo: Aleph, 2007. (Coleção ABC do Turismo).

ANTONIOLI, Fernanda Leão Autilio. **Viagens no feminino: gênero, turismo e transnacionalidade**. Orientador: Adriana Gracia Piscitelli. 2015. 147 p. Dissertação – Antropologia Social, UNICAMP, Campinas, 2015.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1995.

BAUER, Martin; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto imagem e som: um manual**. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

BEAUVOIR, Simone Lucie-Ernestine-Marie Bertrand de. **O segundo sexo: a experiência vivida**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BENEDICTO, Edna Aparecida Ferreira. A mulher e o direito à cidade: assédio sexual x cantadas. **Anais... XXIX Simpósio Nacional de História**, Brasil, p. 01-10, 2017.

BLOOM, Laura Begley. **20 lugares mais perigosos para mulheres viajantes**. Forbes, 2019.

BRAGGIO, Laércio Antônio. **Turismo e Segurança Pública**. Orientadora: Profa. Dra. Yolanda Flores e Silva. 2007. 98. Dissertação (Mestrado Acadêmico) - Programa de Pós Graduação Stricto Sensu em Turismo e Hotelaria, Universidade do Vale do Itajaí, Vale do Itajaí, 2007.

BRANCO, Gabriela Musse; RIBEIRO, José Luis Duarte; TINOCO, Maria Auxiliadora

Cannarozzo. Determinantes da satisfação e atributos da qualidade em serviços de hotelaria. **Produção**, v. 20, n. 4, pp. 576-588, 2010. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-65132010005000057>

BRASIL, Ministério do Turismo. **Programa Investe Turismo é protagonista em reunião do G-20 no Japão**, 2019.

CANADA, Government of. *Her own way – a woman’s safe-travel guide*, 2020..

CARVALHO, Gisele; BAPTISTA, Maria Manuel; COSTA, Carlos. Mulheres que viajam sozinhas: Reflexões sobre gênero e experiências turísticas. **Revista Turismo & Desenvolvimento**, Portugal, n. 23, pp. 59-67, 2015.

ESTADOS UNIDOS. Expedia Group. **What Travelers Want In 2021**. Washington, p.13-14, 2021.

FONTOURA, Natália; REZENDE, Marcela; QUERINO, Ana Carolina. **Beijing +20: avanços e desafios no Brasil contemporâneo**. Brasília: IPEA , 2020.

GOLLO, Gelso Guimarães. **Segurança & Turismo: percepções quanto ao aspecto "segurança" de um destino turístico, como forma de mantê-lo atrativo e competitivo**. Orientador: Dr. José Carlos de Carvalho Leite. 2004. 100. Dissertação - Mestrado Turismo. Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2004.

GOTMAN, Anne. Hospitalidade em sentido próprio e figurado. **Revista Hospitalidade**, São Paulo, v. 16, n.03, pp. 160-174, set./dez. 2019.

GUZELA, Guilherme. **Gestão de Meios de Hospedagem**. Curitiba: Intersaberes, 2014.

HORTA, Flávia Papini; COUTO, Heloísa Helena. Os aspectos sensoriais dos espaços hospedagem e o turismo de experiência para todos: uma relação necessária. **Blucher Design Proceedings**, v. 1, n. 4, pp. 3530-3541, 2014.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Estatísticas de Gênero Indicadores sociais das mulheres no Brasil**. 2. ed. 2021.

IGNARRA, Luiz Renato. **Fundamentos do Turismo**. Rio de Janeiro, Editora Senac Rio, 2020.

LI, Gang et al. Identifying emerging hotel preferences using Emerging Pattern Mining technique. **Tourism Management**, v. 46, pp. 311-321, fev. 2015.

LOPES, Roberta Barreto Gomes. **Administração nos Meios de Hospedagem**. Montes Claros, Instituto Federal do Norte de Minas Gerais, 2015 (Apostila).

LUCCHESI, Anna Carl. **Artemídia “Por que viajo sozinha?”: O Documentarte Expandido como Processos e Procedimentos Artísticos da Estética Relacional**. Orientador: Prof. Dr. Pelópidas Cypriano. 2020. 461 f. Dissertação (Mestrado em Artes) – Artes, Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, São Paulo, 2020.

MANOSSO, Franciele Cristina. Meios de hospedagem nos anais do Fórum Internacional de Turismo do Iguassu: uma revisão bibliométrica, sistemática e integrativa da literatura. **Anais... XIV Fórum Internacional de Turismo do Iguassu**, Foz do Iguacu - PR, ed. XIV, set. 2020.

MELLO, Luísa Antonitsch Mansilha ; RIBEIRO; Ana Paula Pereira da Gama Alves. Circulação e vivência nas cidades: ser mulher, ser flâneuse. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 29, n. 1, e67152, 2021.

MÜLLER, Dalila; HALLAL, Dalila Rosa; RAMOS, Maria da Graça Gomes. A história dos

meios de hospedagem no Brasil nos periódicos científicos brasileiros de turismo. **Revista Hospitalidade**. São Paulo, v. 13, n. 2, pp. 304-320, ago. 2016.

OLIVEIRA, Rodrigo Ribeiro; CASTRO, Dagmar Silva Pinto; BATISTA, Sueli Soares dos Santos. Reflections on Schooling and Work in the Life of Brazilian Girls and Women from the Short Life Maria. **Research, Society and Development**, [S. l.], v. 8, n. 1, p. e1481543, 2019. DOI: 10.33448/rsd-v8i1.543.

ONU - NAÇÕES UNIDAS BRASIL. **Brasileira ganha prêmio global com plataforma para apoiar mulheres que viajam sozinhas**, 2021.

PINAFI, Tania. Violência contra a mulher: políticas públicas e medidas protetivas na contemporaneidade. **Revista Histórica Online**. São Paulo, ed. 21, abr./mai. 2007.

PORTELA, Leila. Mulheres e Turismo, a minha Voz! 12 mulheres, 12 histórias de sucesso. **THIJ –Tourism and Hospitality International Journal**, v. 15, n. 1, pp. 180-196, set. 2020.

PAIVA, Aline de Lemos. **Mulheres e as viagens solo**. Orientadora: Professora. Dra. Erly Maria de Carvalho e Silva. 2019. 42 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Turismo) – Universidade Federal, Faculdade de Turismo e Hotelaria, Niterói, 2019.

PERAZZOLO, Olga Araujo; SANTOS, Marcia Maria Cappellano dos; PEREIRA, Siloe. Meios de Hospedagem no Contexto do Turismo: Considerações sobre o Acolhimento e a Formação Profissional. **Anais... VI Semintur - Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul**, Caxias do Sul, 2010.

RAMOS, Dina Maria; COSTA, Carlos Manuel. Turismo: Tendências de Evolução. **Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP**, Macapá, v.10, n.1, pp. 21-33, jan./jun. 2017.

REIS, Alana Martins. **Mulheres e viagens: insegurança e medo?** Orientadora Dra. Fábila Trentin. 2016. 98 f. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Turismo) - Universidade Federal Fluminense, Faculdade de Turismo e Hotelaria, 2016.

SIQUEIRA, Gabryelle Pereira de Oliveira. **Meios de hospedagem convencionais e alternativos: uma releitura conceitual aplicada em Brasília**. Orientadora: Prof.^a Dr.^a Natália de Sousa Aldrigue. 2018. 91f. TCC de Bacharel em Turismo. Brasília, 2018.

SILVA, Aline Fernandes da et al. Percepção do assédio e violência contra a mulher na cidade de Joinville. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v. 7, n. 6, p. 57999-58016, jun. 2021.

SILVA, Odair Vieira da; KEMP, Sônia Regina Alves. A Evolução Histórica do Turismo: Da Antiguidade Clássica a Revolução Industrial - Século XVIII. **Revista Científica Eletrônica de Turismo**. ano V, n. 9, jun. 2008.

SOUZA, Caroline. **Mulheres viajantes a sororidade no turismo impulsionada pelas redes sociais**. Orientadora: Dra. Vanda Aparecida da Silva. 2021. 74f. Trabalho de Conclusão de Curso. (Graduação em Turismo) - Universidade Federal de São Carlos, Centro de Ciências Humanas e Biológicas, Departamento de Geografia, Turismo e Humanidades, 2021.

SOUZA, Thalita Candido de. **Mulheres que viajam sozinhas: fatores restritivos**. Cadernos Discentes UFF. 3, 80. 2018.

TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi. **A sociedade pós-industrial e o profissional em Turismo**. 2. ed. Campinas: Papyrus, 1998.

UNWTO - World Tourism Organization. **World Tourism Barometer**. 18, Issue 1, January 2020.